

PRÁTICAS DE LETRAMENTO DIGITAL NA ESCOLA

Flávia Helena Pontes Carneiro
 EBAP/CP - UFMG
 helena.flavia@gmail.com

Este trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa realizada em uma escola pública da rede municipal de Belo Horizonte com o aporte da Etnografia Interacional (GREEN; DIXON, 1993; CASTANHEIRA; CRAWFORD; DIXON; GREEN, 2001; CASTANHEIRA, 2000; 2004). Os conceitos de intertextualidade (BLOOME; EGAN-ROBERSTON, 1993) e de intercontextualidade (FLORIANI, 1994) foram usados para examinar como o texto foi construído interacionalmente na sala de aula e na análise das oportunidades para ler e escrever textualizadas no discurso dos participantes. A análise focaliza um evento de letramento no qual a professora possibilita aos alunos a reflexão sobre a utilização de ferramentas e tecnologias digitais. A professora propôs aos alunos que realizassem uma pesquisa relacionada ao livro *O Visitante do Tempo*, dentro de um projeto de estudo sobre Belo Horizonte. Podemos inferir que a intenção da professora, ao propor a pesquisa, foi a de oferecer uma oportunidade para que os alunos lessem e escrevessem em ambientes digitais, e mais especificamente: estimular a busca e o acesso a informações, lidar com plataformas de pesquisa como o *Google*, reconhecer diferentes resultados e ser capaz de avaliar a sua pertinência para a pesquisa, decidindo sobre quais ler e quais não ler. Isso implica o desenvolvimento de certas habilidades, de certos modos e procedimentos de leituras diferentes dos utilizados com os textos impressos, que de acordo com Ribeiro e Coscarelli (2014, p. 181-182, grifo das autoras): “*O Letramento Digital* diz respeito às práticas sociais de leitura e produção de textos em ambientes digitais, isto é, ao uso de textos propiciados pelo computador ou por dispositivos móveis, tais como celulares e tablets, em plataformas como e-mails, redes sociais na web, entre outras”. A dificuldade encontrada por alguns alunos para realizar todo esse processo implicado na pesquisa foi explorada pela professora. Ela fez um conjunto de perguntas voltadas para o processo de aprender a ler e escrever em ambientes digitais: quem conseguiu responder à pergunta? quem pesquisou e não achou? como você pôs a pergunta no Google?. A partir das respostas, a professora contrasta os caminhos encontrados pelos alunos. Um deles relembra suas ações e diz quais foram os procedimentos usados na pesquisa evidenciando os conhecimentos que já tem: “*eu escrevi / quem foi o fundador de Belo Horizonte*” (compreende como funciona a ferramenta de busca do *Google*, é preciso escrever algo); “*ai abriu uma janela*” (identifica que ao consultar aparecem formas de obter a resposta); “*os fundadores de Belo Horizonte / ou quem foi o único*” (identifica várias opções); “*quem foi que fundou*” (reconhece a necessidade de decidir diante da consulta); “*ai apareceu lá / e era a mesma foto do personagem do livro*” (evidencia qual foi o critério adotado para decidir). O aluno textualiza, dentre outros aspectos, como a imagem do livro no evento de letramento no dia anterior foi uma importante referência para ele se localizar na

pesquisa. A apreciação valorativa que a professora faz após ouvir o aluno – “chique” – aponta para as atitudes, os valores e procedimentos de usuários de ambientes digitais que ela reconhece como válidos e interessantes. A textualização dessas experiências e a valorização feita pela professora revelam expectativas e valores da professora desejáveis para aquela cultura. A professora ressaltou, discursivamente, que o mais legal foi fazer a pesquisa, ficar curioso, ter de pensar em um caminho – caminho que aponta para um aprendizado que os alunos vêm construindo, no caso, o uso de ferramentas digitais, como o computador, e a prática de fazer pesquisas na internet. Ela posiciona os alunos como curiosos e pesquisadores “mesmo que não tenham achado” a resposta. Ao fazer isso, a professora dá centralidade para um aspecto cultural que norteia suas ações que é o de valorizar o processo em detrimento do resultado exclusivo dos produtos (respostas) apurados. A participação dos alunos foi um fator importante, que contribuiu para modelar as ações da professora e para que ela pudesse se posicionar, axiologicamente, diante das respostas encontradas e não encontradas, sobretudo, sobre a ação dos sujeitos no processo de aprender: “foi bacana não foi?”. A professora fornece aos alunos uma definição situada do conhecimento atitudinal e procedimental: ficar curioso e escolher um caminho, especialmente, tentar. O estudo apontou para práticas de letramento criadas e marcadas pela apreciação valorativa da professora. Ela criou contextos para a vivência de práticas de letramento digital no trabalho com o tema cultural “pesquisa”, nos quais a leitura e a escrita foram usadas para resolver desafios, possibilitando a construção de conhecimentos necessários para ler e escrever em ambientes digitais. O processo de aprender a pesquisar foi considerado mais importante do que a apresentação de um produto.

Palavras-chave: práticas de letramento digital; etnografia interacional; intertextualidade e intercontextualidade.

Referências

BLOOME, David; EGAN-ROBERTSON, Ann. The social construction of intertextuality in classroom reading and writing lessons. **Reading Research Quarterly**, EUA. v. 28, n. 4, Oct./Nov./Dec. 1993. p. 304-333.

CASTANHEIRA, M. L.; CRAWFORD, T.; DIXON, C.; GREEN, J. Interactional ethnography: an approach to studying the social construction of literate practices.

Linguistics and Education, [S.l.]: v. 11, n. 4, 2001. p. 353-400.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Vianna. Letramento Digital. In: FRADE, Isabel Cristina Alves da Silva; VAL, Maria das Graças Costa; BREGUNCI, Maria Graças de Castro. (Org.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização leitura e escrita para educadores. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2014. p. 181-182.

FLORIANI, Ana. Negotiating What Counts: Roles and Relationships, Text and Context. Content and Meaning. In: **Linguistics and Education**. v. 5. 1994. p. 241-274.